

**XXVII - PEDI E
OBTEREIS**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XXVII - PEDI E OBTEREIS

Qualidades da prece

1. Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que, afetadamente, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. - Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. - Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa. Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçais. (S. MATEUS, cap. VI, vv., 5 a 8.)

2. Quando vos aprestardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os vossos pecados. - Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não vos perdoará os pecados. (S. MARCOS, cap. XI, vv. 25 e 26.)

3. Também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. - O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que posuo. O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas, batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador. Declaro-vos que este voltou para a sua casa, justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado. (S. LUCAS, cap. XVIII, vv. 9 a 14.)

4. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Oral, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu.

Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau. (Cap. X, nº 7 e nº 8.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO I

MATEUS, Cap. VI, v. 5-15. - LUCAS, Cap. XI, v. 1-4

Prece - O Pai Nosso

MATEUS: V.5. Do mesmo modo, quando orardes, não façais como os hipócritas que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças públicas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. 6. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso aposento e, fechada a porta, orai a vosso pai em segredo; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará. - 7. Quando orardes, não faleis muito como fazem os gentios, imaginando que serão escutados por muito falarem. 8. Não vos assemelheis a eles, porquanto vosso Pai sabe do que precisais antes de lho pedirdes. - 9. Orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; - 10, venha a nós o teu reino; - faça-se a tua vontade, tanto na terra como no céu; -11. dá-nos hoje o nosso pão que está acima de qualquer substância; - 12, perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores; - 13, e não nos abandones à tentação; mas, livra-nos do mal, assim seja. 14. Porque, se perdoardes aos homens as faltas que cometam contra vós, também o Pai celestial perdoará as vossas. - 15. Se, porém, não perdoardes aos homens, vosso Pai não vos perdoará os pecados.

LUCAS: V. 1. E sucedeu que, tendo estado a orar em certo lugar, quando acabou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos. - 2. Disse-lhes ele então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, que o teu reino venha; - 3, dá-nos hoje o pão de cada dia - 4, perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos devem e não nos deixes entregues à tentação.

N. 91. As explicações quanto à prece são idênticas como deve ser às que demos sobre a esmola: nada nunca façais tendo em vista obter a aprovação dos homens; tudo fazei procurando unicamente render ao Senhor as homenagens que lhe são devidas e que consistem simplesmente na observância sincera e desinteressada das leis do amor e da caridade, que ele vos impôs.

Prescrevendo o segredo, o silêncio e o recolhimento para a prece como para a esmola, proibindo a multiplicação das palavras, Jesus proscovia, de então e de futuro, as pompas e as cerimônias exteriores e as orações longas, pronunciadas pelos lábios, mas não saídas do coração.

Repitamos juntos, oh! bem-amados, a prece que o Mestre formulou para os homens, a fim de vos fazermos compreender, em espírito, o sentido e o alcance que

ela tem.

Pai nosso: - nosso Criador, de quem todos provimos; - que estás nos céus: - que estás tão acima de todas as criaturas humanas, tão elevado, que tens por morada o infinito, dentro do qual não te podem descobrir os nossos olhos impuros.

Santificado seja o teu nome: - que cada uma das tuas criaturas te bendiga o nome; - que, por seus atos e pensamentos, todas demonstrem até que ponto honram a poderosa fonte donde provieram; - que em seus corações nada exista capaz de ofender aquele que é a pureza absoluta.

Venha o teu reino: - que todos os homens se submetam à tua lei; - que todos conheçam e abençoem o manancial donde tiraram a existência.

A tua vontade seja feita assim na terra como no céu: - que todos os homens, submissos às leis imutáveis que lhes impuseste, as pratiquem com amor, com reconhecimento, tendo por escopo honrar-te e glorificar-te, do mesmo modo que os Espíritos bem-aventurados se submetem às tuas vontades sublimes, felizes por serem delas humildes instrumentos e executores.

Dá-nos hoje o pão de cada dia, pão que está acima de qualquer substância: - concede-nos, Senhor, cada dia, os alimentos necessários à existência material que nos deste; - que esses alimentos não nos proporcionem mais do que o sustento preciso, sem contribuírem de maneira alguma para alentar os nossos apetites grosseiros; - faze, Senhor, que, sustentados por esse alimento passageiro, possamos implorar eficazmente e receber o pão de vida, único que nos levará aos pés da tua eternidade.

Perdoa as nossas dívidas como perdoamos aos nossos devedores: - que a tua bondade se estenda por sobre nós, criaturas ínfimas, sempre rebeladas contra as tuas sublimes vontades; - perdoa-nos a nós que tantas vezes temos falido e falimos a cada segundo da nossa vida; - que a tua misericórdia se derrame sobre nós, Senhor. Mas, como o amor e o perdão são lei na nossa existência, se deixarmos de a praticar, que a tua justiça se exerça sobre nós, pois nos disseste, pela boca do teu celeste enviado, nosso Mestre, governador e protetor do nosso planeta: "Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; abençoai os que vos amaldiçoam". É atentando nestas palavras que te pedimos, pai de justiça, uses de represálias conosco e nos perdoes se também perdoarmos aos nossos irmãos suas faltas.

E não nos deixeis entregues à tentação: - dá-nos, bom Deus, força para resistirmos aos maus instintos da nossa natureza tão má; - fortalece-nos a coragem, revigora-nos as energias tantas vezes abatidas; - que o teu pensamento erga permanente e

intransponível barreira entre o pecado que tanto te desagrada e os teus servos indignos, mas desejosos de merecerem as tuas graças, a fim de que possamos levar a cabo as nossas provações terrenas, sem fraquezas nem desfalecimentos.

Livra-nos do espírito do mal: - permite, Senhor, que, cercados pelos bons Espíritos, submissos a seus conselhos, inspirações e ensinamentos, consigamos, pela pureza dos nossos corações, afastar os maus Espíritos, que tentam incessantemente apoderar-se de nós e que tão frequentemente nos arrastam para o mau caminho; - livra-nos, Senhor, das suas perniciosas influências e concede-nos a graça de os reconduzirmos a ti, por meio dos nossos conselhos, pelo exemplo moral que colherem dos nossos atos e pensamentos e por nossas preces.

Assim seja, pois que te pertencem o reinado, o poder e a glória: - só tu, Senhor, és grande, pois que estás acima de tudo; és o único criador de tudo que se move no espaço infinito, és onipotente na imensidade, és nosso juiz supremo, nosso soberano, nosso rei bem-amado; - a ti as homenagens dos nossos corações, a ti os nossos cânticos eternos; - faze, Senhor, que bem cedo nos seja dado unir nossas vozes às dos Espíritos bem-aventurados que celebram a tua glória, a tua grandeza e, sobretudo, a tua bondade infinita; - é este, oh! pai nosso, o voto que ousa exprimir aos teus pés o mais humilde dos teus filhos.

Meditai, amados irmãos, sobre este ensinamento que, em nome e da parte do Cristo, Espírito da Verdade, vos acabamos de dar acerca da oração dominical. Estudai com o coração tudo quanto esta sublime prece inspira ao homem para se manter no bom caminho, desenvolvendo e fortificando os verdadeiros sentimentos do dever para com Deus, para com os seus irmãos e para consigo mesmo. Estudai com o coração tudo que ela encerra de amor, de reconhecimento e de submissão àquele que, desde toda a eternidade, foi, é e será Deus de bondade, de perfeições absolutas e infinitas. Que ele, o Deus de amor, vos abençoe.

Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos Apóstolos.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXI, vv. 18-22. - MARCOS, Cap. XI, vv. 12-14 e 20-26

Parábola da figueira que secou

MATEUS: V. 18. Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome, - 19, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou. - 20. Vendo isso, os discípulos diziam entre si, tomados de assombro: Como secou num instante! - 21. Disse-lhes então Jesus: Em verdade vos digo, que, se tiverdes fé e não hesitardes em vosso coração, não só fareis isto a uma figueira, mas ainda se disserdes a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, assim se fará. - 22. E obtereis tudo o que com fé pedirdes na vossa prece.

MARCOS: V. 12. No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele teve fome, - 13, e divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. - 14. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.

V. 20. Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à raiz. - 21. Pedro, lembrando-se da palavra do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoaste secou. - 22. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. - 23. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. - 24. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. - 25. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa tiverdes contra alguém, perdoai-lha, a fim de que vosso pai, que está nos céus, também vos perdoe os pecados. - 26. Porque, se não perdoardes, também vosso pai, que está nos céus, não perdoará os vossos pecados.

N. 248. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras de Jesus, os atos por ele praticados, as diversas manifestações espíritas que se produziram desde o instante em que o seu aparecimento na Terra foi anunciado, preparado e realizado, até o termo da sua missão terrena, o que tudo os evangelistas relataram debaixo da influência mediúnica, como tinha que ser, - com as apreciações, as opiniões, as impressões dos homens, respeito à personalidade do Mestre, à sua natureza, à sua origem, às suas palavras e aos seus atos.

Jesus quis dar uma lição a seus discípulos. Da narrativa de Marcos consta que naquele momento não se achavam na estação dos figos. Ora, sabendo Jesus que a

árvore nenhum fruto tinha, outra coisa não visou senão lembrar, aos apóstolos e a quantos o seguiam, estes ensinamentos: que a árvore que não dá frutos é condenada; que, em tempo algum, deve o homem ser estéril; que jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso, pelo seu adiantamento, pelo progresso e adiantamento de seus irmãos.

Jesus, repetimos, dava a seus discípulos uma lição prática. A figueira nada significa, o fato é tudo. Estivesse lá em lugar de uma figueira uma parreira e do mesmo modo teria sido fulminada. Jesus tinha que atuar sobre as inteligências e não sobre a matéria.

Ó homens materiais, que não compreendeis senão o que vos parece matemático, para Jesus a árvore não passou de um meio de que ele se serviu a fim de tornar compreensível aos homens que lhes cumpre dar frutos em todas as épocas. Os discípulos, que ignoravam a ciência do mundo, mas já tinham a percepção das coisas espirituais, compreenderam, tanto que não disseram ao Mestre: Porque fulminas esta árvore que não pode dar frutos, uma vez que não estamos na estação própria? limitando-se a dizer: Como secou num instante!

Ao que Jesus respondeu: A fé tudo pode. Isto não equivalia a dizer que a vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia?

O exemplo que ele deu visava tocar a imaginação dos que o seguiam, fazendo-lhes compreender a necessidade de não serem estéreis em tempo algum; destinava-se a ensinar-lhes o poder e a força da vontade, se apoiada na fé. Cumpria que, quando não mais na Terra estivesse, eles fossem instrumentos simultaneamente dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam no desempenho de suas missões.

Dizendo à figueira, onde só folhas encontrara: Nunca mais de ti nasça fruto, e fazendo que a árvore secasse imediatamente, apenas teve em mira, não o esqueçais, atentos o estado das inteligências e as necessidades da época, bater forte para ser compreendido.

Longe vinham ainda os tempos em que as suas palavras e o fenômeno operado haviam de ser explicados em espírito e verdade. As massas, portanto, muito materiais, precisavam ser impressionadas materialmente.

Vós, espíritas, compreendereis o fenômeno e de que modo a figueira secou subitamente. A uma ordem mental de Jesus e por efeito de sua vontade, os Espíritos prepostos ao que concerne à vegetação retiraram da seiva, por uma ação instantânea, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão a vida e os fluidos necessários à vegetação material.

O efeito produzido pela subtração dos fluidos vitais foi idêntico ao que produz o vento do deserto que seca toda planta sobre que sopra. Os discípulos notaram imediatamente a ação exercida sobre a árvore e, no dia seguinte, ainda se detiveram a lhe verificarem os efeitos.

Assim é que as duas narrações evangélicas se completam reciprocamente, com

duas ordens distintas de palavras, de diálogos, de ensinamentos.

Compreendi igualmente o espírito destas palavras, oculto também sob o véu da letra: Nunca mais nasça fruto de ti. Elas encerram a condenação do dogma católico da ressurreição dos corpos. O que se deu com a figueira, que subitamente secou, dá-se com o homem que, alvejado pelo anjo da libertação quando menos o espera, morre de súbito, sem haver produzido nenhum fruto. Porventura, uma vez seco, vosso corpo ainda produz novos frutos? Não. Mas o vosso Espírito, não continua, ao contrário, por meio da expiação na erradicidade e depois por meio da reencarnação, a sua marcha pela senda do progresso?

A figueira que secou não mais podia dar frutos, porém, o princípio espiritual, como acabamos de dizer, fora para outro ponto, a fim de continuar a sua marcha progressiva dentro da unidade infinita em que tudo - pela vontade de Deus, criador universal, inteligência suprema e eterna - procede do infinitamente pequeno e culmina no infinitamente grande, sob a vigência das leis gerais e imutáveis, que se aplicam e executam pela ação espírita, leis que são da essência mesma do criador incriado e constituem o que chamais "as leis da natureza".

A parábola da figueira que secou teve por objeto concitar o homem a utilizar a existência terrena, que o Senhor lhe concede para expiar, reparar e progredir, com o auxílio e o amparo do seu anjo guardião e dos bons Espíritos.

Essa parábola adverte o homem de que o Espírito culpado que, até à época em que se operar a separação do joio e do bom grão, permanecer surdo às inspirações do seu anjo guardião e dos bons Espíritos, rebelde, não obstante acharem-se-lhe abertas as sendas da expiação, da reparação e do progresso, não mais dará frutos na Terra.

Será rechaçado para mundos inferiores, correspondentes ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso, do seu adiantamento.

Jesus vos mostrou, de um lado, a esperança permanente de melhorar o homem e a perseverança dos Espíritos, a quem essa obra está confiada, em intercederem a favor do culpado, até que consigam fazê-lo chegar à condição de dar frutos; de outro, a natureza ingrata e seca, que nenhum esforço será capaz de modificar e que, por isso, cumpre seja afastada de um meio onde a sua conservação só poderia ser nociva.

Quanto ao sentido simbólico, segundo o espírito, das palavras que Jesus dirigiu a seus discípulos, conforme aos vv. 20-22 de Mateus, e a Pedro, conforme aos vv. 23-26 de Marcos, já recebestes as explicações necessárias, às quais vos deveis reportar. Não temos que voltar a esse ponto.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 9-14

Fariseu e publicano

V. 9. Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiavam em si mesmos, considerando-se justos, e desprezavam os outros: - 10. Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. - 11. O fariseu, de pé, orava, dizendo intimamente: Meu Deus, graças te dou por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. - 12. Jejuo duas vezes na semana e pago o dizimo de tudo o que possuo. - 13. O publicano ficara de longe, não ousava sequer elevar os olhos para o céu; mas, batendo nos peitos, dizia: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador. - 14. Digo-vos que este voltou justificado para sua casa e não o outro; porque, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado.

N. 238. No orgulho tem o homem o seu mais encarniçado inimigo, por ser o que mais se lhe infiltra no coração e o que mais obstinadamente se lhe agarra.

Peca por orgulho todo aquele que, seja no que for, se julgue superior ao seu irmão.

Que merecimento tem ele perante o Senhor? Em ser um rigoroso observador da lei não faz mais do que cumprir estrito dever. Incorre, pois, em grave falta querendo, por assim dizer, impor ao seu Criador a obrigação de levar em conta o mérito que se atribui a si mesmo. Peca contra a caridade, julgando mal o seu irmão, pois que, sejam quais forem as aparências, o irmão, por muito miserável, culpado mesmo, que pareça, pode ter o coração mui puro, pode, quando menos, possuir a humildade que lhe permite uma justa apreciação de si mesmo e o coloca em condições de reprimir em si o mal.

Sede severos convosco, brandos e indulgentes com os outros.

"O publicano voltou para casa justificado. "É que fizera justiça a si próprio, reconhecendo a sua enfermidade. Estava, portanto, no caminho do bem. Um mal reconhecido deixa de existir, a partir do momento em que se lhe aplica o remédio.

O fariseu não foi justificado, porque fizera ato de orgulho e faltara à caridade para com um de seus irmãos, em vez de fazer ato de humildade perante o Senhor, por motivo das suas faltas, ainda que mínimas fossem.

"Aquele que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado." Constituinto o orgulho uma falta grave, o que se exalta será punido. Sendo a humildade sincera o melhor agente da reforma, o progresso será a sua consequência.

Eficácia da prece

5. Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes. (S. MARCOS, cap. XI, v. 24.)

6. Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor-lhas. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma, há leis naturais e imutáveis que não podem ser ab-rogadas ao capricho de cada um; mas, daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância. Se assim fosse, nada mais seria o homem do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a cabeça ao jugo dos acontecimentos, sem cogitar de evitá-los; não devera ter procurado desviar o raio. Deus não lhe outorgou a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo livre o homem de agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, conseqüências subordinadas ao que ele faz ou não. Há, pois, devidos à sua iniciativa, sucessos que forçosamente escapam à fatalidade e que não quebram a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo. Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade.

7. Desta máxima: "Concedido vos será o que quer que pedirdes pela prece", fora ilógico deduzir que basta pedir para obter e fora injusto acusar a Providência se não acede a toda súplica que se lhe faça, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para nosso bem. É como procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. Em geral, o homem apenas vê o presente; ora, se o sofrimento é de utilidade para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura.

O que Deus lhe concederá sempre, se ele o pedir com confiança, é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante idéias que fará lhe sugiram os bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação.

Ele assiste os que se ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: "Ajuda-te, que o Céu te ajudará"; não assiste, porém, os que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das faculdades que possui. Entretanto, as mais das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem despende o mínimo esforço. (Cap. XXV, nº 1 e seguintes.)

8. Tomemos um exemplo. Um homem se acha perdido no deserto. A sede o martiriza horrivelmente. Desfalecido, cai por terra. Pede a Deus que o assista, e espera. Nenhum anjo lhe virá dar de beber. Contudo, um bom Espírito lhe sugere a idéia de

levantar-se e tomar um dos caminhos que tem diante de si Por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe um regato. Ao divisá-lo, ganha coragem. Se tem fé, exclamará: "Obrigado, meu Deus, pela idéia que me inspiraste e pela força que me deste." Se lhe falta a fé, exclamará: "Que boa idéia tive! Que sorte a minha de tomar o caminho da direita, em vez do da esquerda; o acaso, às vezes, nos serve admiravelmente! Quanto me felicito pela minha coragem e por não me ter deixado abater!"

Mas, dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: "Segue este caminho, que encontrarás o de que necessitas"? Por que não se lhe mostrou para o guiar e sustentar no seu desfalecimento? Dessa maneira tê-lo-ia convencido da intervenção da Providência.

Primeiramente, para lhe ensinar que cada um deve ajudar-se a si mesmo e fazer uso das suas forças. Depois, pela incerteza, Deus põe a prova a confiança que nele deposita a criatura e a submissão desta à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, dando com alguém, se põe a gritar e fica à espera de que a venham levantar; se não vê pessoa alguma, faz esforços e se ergue sozinha.

Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe houvera dito: "Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo", nenhum mérito teria tido Tobias. Fiando-se no seu companheiro, nem sequer de pensar teria precisado. Essa a razão por que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem.

Ação da prece. - Transmissão do pensamento

9. A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, explicando o modo de transmissão do pensamento, quer no caso em que o ser a quem oramos acuda ao nosso apelo, quer no em que apenas lhe chegue o nosso pensamento. Para apreendermos o que ocorre em tal circunstância, precisamos conceber mergulhados no fluido universal, que ocupa o espaço, todos os seres, encarnados e desencarnados, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. E assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem a distância entre encarnados.

Essa explicação vai, sobretudo, com vistas aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística. Não tem por fim materializar a prece, mas tornar-lhe inteligíveis os efeitos, mostrando que pode exercer ação direta e efetiva. Nem por isso deixa essa ação de estar subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas, único apto a torná-la eficaz.

11. Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe idéias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde, em consequência de excessos a que se entregou, e arrasta, até o termo de seus dias, uma vida de sofrimento: terá ele o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que houvera podido encontrar na prece a força de resistir às tentações.

12. Se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, n~ 4), ver-se-á que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira. Faz-se, portanto, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia, se sempre obrasse com sabedoria e prudência.

Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente ditosos. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam. Se puséssemos freio à nossa ambição, não teríamos de temer a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos de recear a queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maldizentes, nem invejosos, nem ciosos, e evitaríamos as disputas e dissensões; se mal a ninguém fizéssemos, não houvéríamos de temer as vinganças, etc.

Admitamos que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito o ter a possibilidade de ficar isento de todos os que decorrem da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, granjear deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, porém, sim, desviar-nos a nós do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da

Natureza; apenas evitam que as infrinjamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio. Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para nos não subjugar a vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los, ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. E isso o que o homem pode estar sempre certo de receber, se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem sobretudo aplicar estas palavras: "Pedi e obtereis."

Mesmo com sua eficácia reduzida a essas proporções, já não traria a prece resultados imensos? Ao Espiritismo fora reservado provar-nos a sua ação, com o nos revelar as relações existentes entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Os efeitos da prece, porém, não se limitam aos que vimos de apontar.

Recomendam-na todos os Espíritos. Renunciar alguém à prece é negar a bondade de Deus; é recusar, para si, a sua assistência e, para com os outros, abrir mão do bem que lhes pode fazer.

13. Acedendo ao pedido que se lhe faz, Deus muitas vezes objetiva recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora. Daí decorre que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, porquanto o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, do daquele que apenas de lábios ora, unicamente saem palavras, nunca os ímpetos de caridade que dão à prece todo o seu poder. Tão claramente isso se compreende que, por um movimento instintivo, quem se quer recomendar às preces de outrem fá-lo de preferência às daqueles cujo proceder, sente-se, há de ser mais agradável a Deus, pois que são mais prontamente ouvidos.

14. Por exercer a prece uma como ação magnética, poder-se-ia supor que o seu efeito depende da força fluídica. Assim, entretanto, não é. Exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, em sendo preciso, suprem a insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente em seu nome, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça, ou que ela lhe pode ser proveitosa.

O homem que não se considere suficientemente bom para exercer salutar influência, não deve por isso abster-se de orar a bem de outrem, com a idéia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade constitui uma prova de humildade, grata sempre a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança são um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem ditosos em incentivar. Repelida só o é a prece do orgulhoso que deposita fé no seu poder e nos seus merecimentos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno.

15. Está no pensamento o poder da prece, que por nada depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar ou do tempo só

se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. Mas, que importa seja grande o número de pessoas reunidas para orar, se cada uma atua isoladamente e por conta própria?! Cem pessoas juntas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, orarão quais verdadeiros irmãos em Deus, e mais força terá a prece que lhe dirijam do que a das cem outras. (Cap. XXVIII, nº 4 e nº 5.)

Preces inteligíveis

16. Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo e aquele que me fala será para mim um bárbaro. - Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto. - Se louvais a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá amém no fim da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? - Não é que a vossa ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela. (S. PAULO, 1ª aos Coríntios, cap. XIV, vv. 11, 14, 16 e 17.)

17. A prece só tem valor pelo pensamento que lhe está conjugado. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer ao que se não compreende, porquanto o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria das criaturas, as preces feitas numa língua que elas não entendem não passam de amálgamas de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece toque, preciso se torna que cada palavra desperte uma idéia e, desde que não seja entendida, nenhuma idéia poderá despertar. Será dita como simples fórmula, cuja virtude dependerá do maior ou menor número de vezes que a repitam.

Muitos oram por dever; alguns, mesmos, por obediência aos usos, pelo que se julgam quites, desde que tenham dito uma oração determinado número de vezes e em tal ou tal ordem. Deus vê o que se passa no fundo dos corações; lê o pensamento e percebe a sinceridade. Julgá-lo, pois, mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo. (Cap. XXVIII, nº 2.)

Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

18. Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados se sentem, menos infelizes.

Entretanto, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento. E nesse sentido que lhes pode não só aliviar, como abreviar os sofrimentos. (Veja-se: O Céu e o Inferno, 2ª Parte - "Exemplos".)

19. Pessoas há que não admitem a prece pelos mortos, porque, segundo acre-

ditam, a alma só tem duas alternativas: ser salva ou ser condenada às penas eternas, resultando, pois, em ambos os casos, inútil a prece. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por instantes, a realidade das penas eternas e irremissíveis e que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Perguntamos se, nessa hipótese, será lógico, será caridoso, será cristão recusar a prece pelos réprobos? Tais preces, por mais impotentes que fossem para os liberar, não lhes seriam uma demonstração de piedade capaz de abrandar-lhes os sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado a galés perpétuas, quando mesmo não haja a mínima esperança de obter-se para ele perdão, será defeso a uma pessoa caridosa ir carregar-lhe os grilhões, para aliviá-lo do peso destes? Em sendo alguém atacado de mal incurável, dever-se-á, por não haver para o doente esperança nenhuma de cura, abandoná-lo, sem lhe proporcionar qualquer alívio? Lembrai-vos de que, entre os réprobos, pode achar-se uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe, ou um filho, e dizei se, não havendo, segundo credes, possibilidade de ser perdoado esse ente, lhe recusaríeis um copo d'água para mitigar-lhe a sede? um bálsamo que lhe seque as chagas?

Não faríeis por ele o que faríeis por um galé? Não lhe daríeis uma prova de amor, uma consolação? Não, isso cristão não seria. Uma crença que petrifica o coração é incompatível com a crença em um Deus que põe na primeira categoria dos deveres o amor ao próximo.

A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, dado não ser possível que Deus, em sua justiça, confunda o bem e o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos, dos bons conselhos; fora negar a força que haurimos da assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam numa razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; a não ser assim, careceria de estabilidade o mundo. O homem, pois, nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo submeter-se e adorá-lo.

Há, nesse modo de raciocinar, uma aplicação falsa do princípio da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei, no que concerne à penalidade futura. Essa lei revelam-na hoje os Espíritos do Senhor, quando o homem se tornou suficientemente maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta ao culpado os remorsos, nem o arrependimento. É-lhe inútil todo desejo de melhorar-se: está condenado a conservar-se perpetuamente no mal. Se a sua condenação foi por determinado tempo, a pena cessará, uma vez expirado esse tempo. Mas, quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que volveu ao bem; no segundo, seria agraciar a um que continua culpado. A lei de Deus é mais providente. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não estabelece para a pena,

qualquer que esta seja, duração alguma. Ela se resume assim:

21. "O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição.

"A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

"Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno a senda do bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento.

"Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança.

Mas, não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

"O homem é, assim, constantemente, o árbitro de sua própria sorte; pertence-lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem."

Tal a lei, lei imutável e em conformidade com a bondade e a justiça de Deus.

Assim, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a si mesmo: a lei de Deus estabelece a condição em que se lhe toma possível fazê-lo. O que as mais das vezes lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, em lugar de pedirmos a Deus que derogue a sua lei, tornamos instrumentos da execução de outra lei, também sua, a de amor e de caridade, execução em que, desse modo, ele nos permite participar, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se O Céu e o Inferno, 1ª Parte, caps. IV, VII, VIII.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Maneira de orar

22. O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulais umas às outras, fazendo disso um hábito, um dever que cumpris e que vos pesa como qualquer dever?

A prece do cristão, do espírita, seja qual for o seu culto, deve ele dizê-la logo que o Espírito haja retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da Majestade Divina com humildade, com profundidade, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até àquele dia; pela noite transcorrida e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir ter com os seus amigos, com os seus guias, para haurir, no contacto com eles, mais força e perseverança. Deve ela subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia. Deve ser profunda, porquanto é a vossa alma que tem de ele-

var-se para o Criador, de transfigurar-se, como Jesus no Tabor, a fim de lá chegar nítida e radiosa de esperança e de amor.

A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais em realidade. Inútil, portanto, pedir ao Senhor que vos abrevie as provas, que vos dê alegrias e riquezas. Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como o fazem muitos: "Não vale a pena orar, porquanto Deus não me atende." Que é o que, na maioria dos casos, pedis a Deus? Já vos tendes lembrado de pedir-lhe a vossa melhoria moral? Oh! não; bem poucas vezes o tendes feito. O que preferentemente vos lembrais de pedir é o bom êxito para os vossos empreendimentos terrenos e haveis com freqüência exclamado: "Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não se verificariam tantas injustiças." Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo da vossa consciência, quase sempre depararíeis, em vós mesmos, com o ponto de partida dos males de que vos queixais. Pedi, pois, antes de tudo, que vos possais melhorar e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós. (Cap. V, nº 4.)

Deveis orar incessantemente, sem que, para isso, se faça mister vos recolhais ao vosso oratório, ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. Não é ato de amor a Deus assistirdes os vossos irmãos numa necessidade, moral ou física? Não é ato de reconhecimento o elevardes a ele o vosso pensamento, quando uma felicidade vos advém, quando evitais um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade apenas vos roça a alma, desde que vos não esqueçais de exclaimar: Sede bendito, meu Pai?! Não é ato de contrição o vos humilhades diante do supremo Juiz, quando sentis que falistes, ainda que somente por um pensamento fugaz, para lhe dizerdes: Perdoai-me, meu Deus, pois pequei (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade); dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta?!

Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados.

Como o vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem nenhuma interrupção acarretar aos vossos trabalhos. Dita assim, ela, ao contrário, os santifica. Tende como certo que um só desses pensamentos, se partir do coração, é mais ouvido pelo vosso Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, muitas vezes sem causa determinante e às quais apenas maquinalmente vos chama a hora convencional. - V. Monod. (Bordéus, 1862.)

Felicidade que a prece proporciona

23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros, para vos outorgar todos os benefícios.

Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e

como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! ah! como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios; eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, é para vós a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem.

Avançai, avançai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia!

Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os vossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe. Dulçurosas vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnais, são divinas todas as aspirações.

Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que lhe perpassavam nalma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai. - Santo Agostinho. (Paris, 1861.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXI, vv. 18-22. - MARCOS, Cap. XI, vv. 12-14 e 20-26

Parábola da figueira que secou

MATEUS: V. 18. Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome, - 19, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou. - 20. Vendo isso, os discípulos diziam entre si, tomados de assombro: Como secou num instante! - 21. Disse-lhes então Jesus: Em verdade vos digo, que, se tiverdes fé e não hesitardes em vosso coração, não só fareis isto a uma figueira, mas ainda se disserdes a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, assim se fará. - 22. E obtereis tudo o que com fé pedirdes na vossa prece.

MARCOS: V. 12. No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele teve fome, - 13, e divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. - 14. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.

V. 20. Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à raiz. - 21. Pedro, lembrando-se da palavra do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoaste secou. - 22. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. - 23. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. - 24. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. - 25. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa tiverdes contra alguém, perdoai-lha, a fim de que vosso pai, que está nos céus, também vos perdoe os pecados. - 26. Porque, se não perdoardes, também vosso pai, que está nos céus, não perdoará os vossos pecados.

N. 248. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras de Jesus, os atos por ele praticados, as diversas manifestações espíritas que se produziram desde o instante em que o seu aparecimento na Terra foi anunciado, preparado e realizado, até o termo da sua missão terrena, o que tudo os evangelistas relataram debaixo da influência mediúnica, como tinha que ser, - com as apreciações, as opiniões, as impressões dos homens, respeito à personalidade do Mestre, à sua natureza, à sua origem, às suas palavras e aos seus atos.

Jesus quis dar uma lição a seus discípulos. Da narrativa de Marcos consta que naquele momento não se achavam na estação dos figos. Ora, sabendo Jesus que a

árvore nenhum fruto tinha, outra coisa não visou senão lembrar, aos apóstolos e a quantos o seguiam, estes ensinamentos: que a árvore que não dá frutos é condenada; que, em tempo algum, deve o homem ser estéril; que jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso, pelo seu adiantamento, pelo progresso e adiantamento de seus irmãos.

Jesus, repetimos, dava a seus discípulos uma lição prática. A figueira nada significa, o fato é tudo. Estivesse lá em lugar de uma figueira uma parreira e do mesmo modo teria sido fulminada. Jesus tinha que atuar sobre as inteligências e não sobre a matéria.

Ó homens materiais, que não compreendeis senão o que vos parece matemático, para Jesus a árvore não passou de um meio de que ele se serviu a fim de tornar compreensível aos homens que lhes cumpre dar frutos em todas as épocas. Os discípulos, que ignoravam a ciência do mundo, mas já tinham a percepção das coisas espirituais, compreenderam, tanto que não disseram ao Mestre: Porque fulminas esta árvore que não pode dar frutos, uma vez que não estamos na estação própria? limitando-se a dizer: Como secou num instante!

Ao que Jesus respondeu: A fé tudo pode. Isto não equivalia a dizer que a vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia?

O exemplo que ele deu visava tocar a imaginação dos que o seguiam, fazendo-lhes compreender a necessidade de não serem estéreis em tempo algum; destinava-se a ensinar-lhes o poder e a força da vontade, se apoiada na fé. Cumpria que, quando não mais na Terra estivesse, eles fossem instrumentos simultaneamente dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam no desempenho de suas missões.

Dizendo à figueira, onde só folhas encontrara: Nunca mais de ti nasça fruto, e fazendo que a árvore secasse imediatamente, apenas teve em mira, não o esqueçais, atentos o estado das inteligências e as necessidades da época, bater forte para ser compreendido.

Longe vinham ainda os tempos em que as suas palavras e o fenômeno operado haviam de ser explicados em espírito e verdade. As massas, portanto, muito materiais, precisavam ser impressionadas materialmente.

Vós, espíritas, compreendereis o fenômeno e de que modo a figueira secou subitamente. A uma ordem mental de Jesus e por efeito de sua vontade, os Espíritos prepostos ao que concerne à vegetação retiraram da seiva, por uma ação instantânea, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão a vida e os fluidos necessários à vegetação material.

O efeito produzido pela subtração dos fluidos vitais foi idêntico ao que produz o vento do deserto que seca toda planta sobre que sopra. Os discípulos notaram imediatamente a ação exercida sobre a árvore e, no dia seguinte, ainda se detiveram a lhe verificarem os efeitos.

Assim é que as duas narrações evangélicas se completam reciprocamente, com

duas ordens distintas de palavras, de diálogos, de ensinamentos.

Compreendi igualmente o espírito destas palavras, oculto também sob o véu da letra: Nunca mais nasça fruto de ti. Elas encerram a condenação do dogma católico da ressurreição dos corpos. O que se deu com a figueira, que subitamente secou, dá-se com o homem que, alvejado pelo anjo da libertação quando menos o espera, morre de súbito, sem haver produzido nenhum fruto. Porventura, uma vez seco, vosso corpo ainda produz novos frutos? Não. Mas o vosso Espírito, não continua, ao contrário, por meio da expiação na erraticidade e depois por meio da reencarnação, a sua marcha pela senda do progresso?

A figueira que secou não mais podia dar frutos, porém, o princípio espiritual, como acabamos de dizer, fora para outro ponto, a fim de continuar a sua marcha progressiva dentro da unidade infinita em que tudo - pela vontade de Deus, criador universal, inteligência suprema e eterna - procede do infinitamente pequeno e culmina no infinitamente grande, sob a vigência das leis gerais e imutáveis, que se aplicam e executam pela ação espírita, leis que são da essência mesma do criador incriado e constituem o que chamais "as leis da natureza".

A parábola da figueira que secou teve por objeto concitar o homem a utilizar a existência terrena, que o Senhor lhe concede para expiar, reparar e progredir, com o auxílio e o amparo do seu anjo guardião e dos bons Espíritos.

Essa parábola adverte o homem de que o Espírito culpado que, até à época em que se operar a separação do joio e do bom grão, permanecer surdo às inspirações do seu anjo guardião e dos bons Espíritos, rebelde, não obstante acharem-se-lhe abertas as sendas da expiação, da reparação e do progresso, não mais dará frutos na Terra.

Será rechaçado para mundos inferiores, correspondentes ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso, do seu adiantamento.

Jesus vos mostrou, de um lado, a esperança permanente de melhorar o homem e a perseverança dos Espíritos, a quem essa obra está confiada, em intercederem a favor do culpado, até que consigam fazê-lo chegar à condição de dar frutos; de outro, a natureza ingrata e seca, que nenhum esforço será capaz de modificar e que, por isso, cumpre seja afastada de um meio onde a sua conservação só poderia ser nociva.

Quanto ao sentido simbólico, segundo o espírito, das palavras que Jesus dirigiu a seus discípulos, conforme aos vv. 20-22 de Mateus, e a Pedro, conforme aos vv. 23-26 de Marcos, já recebestes as explicações necessárias, às quais vos deveis reportar. Não temos que voltar a esse ponto.